



Pompeia... Ora ahí está um cadaver que era indiscutivelmente nosso. Roubaram-nol-o, emtanto. O jacobinismo do Sr. Frederico Bor-

ges e do Sr. França Carvalho deu-lhe uma tão alta significação politica, que não houve senão abandonal-o á vigilia dessa guarda rubra do partidarismo intolerante. Nossas demonstrações de saudade e de amor pelo irmão morto tiveram que se circumscrever assim ás columnas estreitas dos jornaes.

Notaram entretanto que lhe faltou, na viagem para o tumulto, a romaria piedosa de tantos que com elle viveram na larga camaradagem do jornal e do livro. Sobrou-lhe, porém, a representação apparatusosa do elemento radical. Fizeram do nome d'elle uma bandeira de reacção. E na Camara, com umas phrases a que a religiosidade do momento se opporia, dada a ausencia do sentimento politico extremado que as dictou, o Sr. Medeiros e Albuquerque propoz que pela morte do Pompeia se inserisse na acta um voto de profundo pezar.

Um deputado disse-me, logo que a Camara adoptou a proposta do Sr. Medeiros e Albuquerque: — « Você não acha que é direito? Essas manifestações não podem ser só para os politicos... » E todo elle respirava protecção á arte indigena, amizade pela litteratura e pelos nossos. Fiquei a rir da ingenuidade que o meu caro amigo me suppunha.

Pompeia teve em acta da Camara uma manifestação de pezar pela sua morte. Por que? Por haver escripto o *Atheneu*? Não os considero tão ingenuos como áquelle deputado se affigurava que eu o fosse. O que a Camara do Sr. Glycerio fez a Raul Pompeia foi pagar-lhe a divida para com elle contrahida, n'uma agitada tarde lugubre e violenta, em pleno cemiterio de S. João Baptista da Lagoa.

O que o Sr. Medeiros pretendeu — e um jornal de facção o auxiliou nisso — foi atirar com o cadaver de Pompeia, ainda quente, á face do Sr. Prudente de Moraes.

Pompeia cahiu esmagado por uma campanha para que lhe faltava a força de resistencia.

Tinha talento de sobra para ella, vivacidade no ataque, armas terriveis, das quaes a menos poderosa não era por certo a sua penna adestrada e brilhante. Se aggreidia punha toda a força no ataque; feria largo e fundo. Mas o minimo golpe do adversario, quando lhe visasse a honra, atirava-o inutilisado, pelo chão.

Caracter intemerato, impolluto, sem jaça, essas qualidades de brio e de honra inatacaveis eram-lhe por uma contradicção o ponto fraco para a campanha. Atacal-o nellas era ter seguranças de exito pelo bem aproveitado do golpe, pela profundidade da ferida. Pompeia soffria com isso todo o incalculavel tormento, toda a dor amarga de as vér postas em duvida á face de uma sociedade que « poderia não estar convencida » de que elle fosse realmente o homem de brio e de caracter que era.

Aggressão desse genero foi a que soffreu n'um dos seus ultimos dias, em artigos de um jornal de S. Paulo — tres artigos de Luiz Murat, violentos, porventura crueis, todos cheios de uma ardente paixão politica, escriptos, pelo menos, com o direito que dão os longos mezes de tortura e de carcere. Artigos de combate, para serem respondidos com artigos de combate. Pompeia esqueceu, porém, que a época é de tamanha lucta politica que já todas as armas se empregam de um para outro dos dois campos em que se dividiu a Republica. Os jornaes citaram, a proposito, uma sua phrase que o define — « Ou eu mato este homem, disse elle, fallando de Murat, ou mato-me! » E matou-se.

Seria esse exactamente o motivo de sua morte? E' de uma espantosa futilidade que um homem se supprima pelo motivo unico de que alguém o aggreuiu em sua honra. Se me accusarem de roubo ou de covardia o que eu tenho a fazer não é metter uma bala nos míolos; resta-me antes demonstrar que não sou nem um covarde nem um ladrão. E Pompeia estava dispensado dessa prova; qualquer um de nós juraria, sem hesitar, na sua honra, no seu brio, na sua coragem e no seu valor.

Siemot.



ANNO BOM

Anno Bom!

Bom porque? Porque começa apenas e ainda não deu motivo para que agente o deteste?

Ou porque, por mais prodigo de dissabores que nos venha, ha de ficar áquem desse miseravel anno de 95?

Desgraçado anno, esse, o que ahí vae agora para a valla commum!

Começou por uma catastrophe — a da barca *Terceira*; acabou por outra — o *Burro de carga*, no Lucinda.

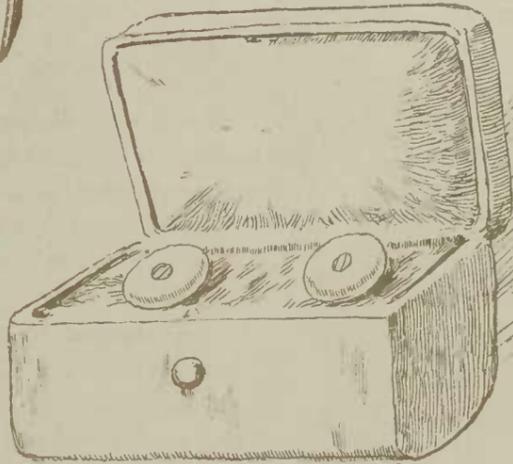
Anno Bom! Oxalá que o seja, o de 96 — e que lhes dê muito dinheiro, aos senhores, e que nos dê muitos assignantes, a nós.

Porque nós não fazemos questão de dinheiro; só fazemos questão de assignantes... que paguem, está bem visto.

AS RESTAS DA CIGARRA



Ao 'JORNAL DO COMMERCIO' uma lente biconvexa PARA O SEU REVISOR



Ao PAIZ, um par de botões de... marfim.



Ao Figueiredo Coimbra, o projecto de um "dialogo" sobre a ilha da TRINDADE entre um patriota surdo-mudo e um inglez que não saiba uma palavra de portuguez.



A BERNARDEU - um despertador e um lençol de banho para a MOEMA

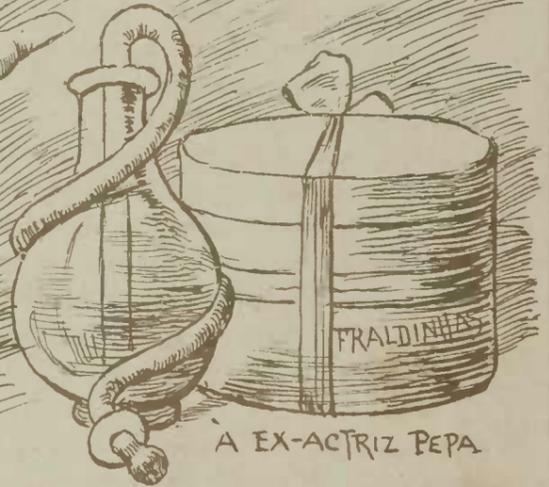


A HENRIQUE CHAVES

UM BIGODE NOVO.

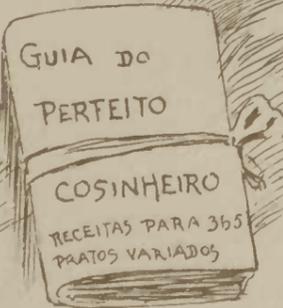


Ao Guanabarrino um clarinete que nem aquece nem arrefece.



A EX-ACTRIZ PEPA

o selim é, talvez, pequeno...



A FIGUEIREDO PIMENTEL um livro... bom.



AO JOÃO CHAVES



Ao ALUISIO D'AZEVEDO EM... VIGO.



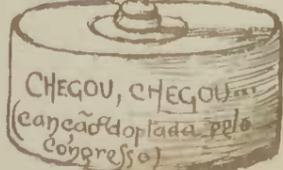
Ao ARTHUR D'AZEVEDO



Ao BRAVO collega D. Quixote



Ao Sr PORTA, chefe das officinas Bevilacqua, o mais valioso auxiliar da CIGARRA, uma provisoesinha de Paciencia para nos aturar.



Ao INSTITUTO DE MUSICA



A LULU SENIOR uma colleção de photographias de damas que frisam... obigode

JULIO HAGADO

NO PAR



1 No da inglesa — Um registro da santissima... Trindade.

2 Quanto ao logista



3 Se for de joias — Dr. Antonio



4 Se for de botas — um pintor lauro



5 No de um estudante de medicina — Um cadaver.



6 No de um conego: "Se é velho, põe-se uma galinha"

PAR DE BOTAS...



4
De um empregado da Intendencia -
Uma dentadura... pratica



3 - pintor laureado.



5
- De uma actriz de revistas?
- No de uma actriz põe-se um
banqueiro.



2 - uma galinha assada

Se é moço põe-se uma crioula... crua."

Nota - Se houvesse uma
outro par e se fosse de moça bo-
nita, eu poria o Julião Machado.

Belmiro

ANGELUS



1896 — Eh! eh! E então?...
 1895 — Pinta o... caneco.— Viva a Republica!

JULIO MACHADO
 31. Desem bro
 1895.

AS SEREIAS

Foi pelo mar em fóra. A recurva trireme
ampla, em prata, estendendo um rastilho d'espuma
leva, leguas além, a aurea canção que geme
da harpa que canta e ri nas cordas, uma a uma.

Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;
surge a lua e o luar á superficie treme
do mar, que a essa canção, em cólo, a vaga apruma,
extreme de paixões, de coleras extreme.

Tão humano é esse canto, á prôa, soberano,
e os golphins e dragões sorvem-lhe o echo em tal dóse,
que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.

Cessa, brusco, a canção, e as sereias em rima
quedam pasmas de ver essa metamorphóse:
— monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima.

(Dos Versos Antigos).

Emilio de Menezes.



SONETO

NO ALBUM DE D. MARIA DE AZAMBUJA

Maria, ha no seu gesto airoso e nobre,
Nos olhos meigos e no andar tão brando,
Um não sei que, suave, que descobre,
Que lembra um grande passaro marchando.

Quero, ás vezes, pedir-lhe que desdobre
As azas; mas não peço, receiando
Que, desdobradas, possam ir voando
Leval-a ao tecto azul que a terra cobre.

E penso então, e digo então commigo:
« No céo, que vê passar todas as gentes,
Bastem outros primores de valia.

« Passaro ou moça, fique o olhar amigo,
O nobre gesto e as graças excellentes
Da nossa casta e lépida Maria ».

Machado de Assis

VIDA NOCTURNA

Esperar, sempre esperar!

Ainda estamos á espera de que a companhia de zarzuela
do Recreio Dramatico nos dê uma peça nova, em vez do
estafado repertório que o nosso publico deve estar farto de
apreciar!

Os espectaculos têm sido rendosos; muito mais o seriam,
porém, se apresentassem alguma novidade interessante.

No Variedades, estreiou uma companhia que andou ulti-
mamente por Cascos de Rolhas, da qual é empregaria a actriz
Ismenia dos Santos (1820—19..?) e director o actor Dias
Braga, e fazem parte os artistas Leolinda Amoedo, Ferreira,
Adelaide Coutinho, Henriqueta Chaves, Rangel, Domingos
Braga e outros em quem poder não teve... a vida.

A peça de estreia intitula-se os *Demonios da noite*, um
dramalhão indigesto mas muito ao paladar das nossas platéas.

Não tardam ahí o *Guia da montanha* e o indefectível
Conde de Monte-Christo.

No Apollo voltam á scena os *Sinos de Corneville*, em-
quanto não se resolve a questão da *Ilha da Trindade*, peça
de Eduardo Garrido.

Dar-se-há caso que tenhamos, enfim, n'um dos nossos
theatros, alguma coisa de espirito?

Depois de um conflicto de bastidores, havido no Eden-
Lavrado, conflicto que suspendeu por algumas noites as re-
presentações da *Ranha dos gemos*, voltou á scena essa
magica, que lá vae fazendo a sua obrigação.

Annuncia-se em ensaios um *poema* do Dr. Vicente Reis.
Bem me quiz parecer que o Dr. Vicente Reis era poeta...

Eu sou um chronista theatral *sui generis*. Tanto assim é,
que peço aos leitores noticias da serpe em tina debaixo d'agua
do S. Pedro.

Já repararam que esse theatro, de tantas e tão gloriosas
recordações, deu ultimamente em explorar a agua?

Eu preferia vel-o pegar fogo... pela terceira vez.

No Lucinda continúa em scena o *Burro de carga*.
Nunca imaginei que essa borracheira desse mais de tres
representações!

E' o caso de parodiar Boileau: um burro encontra sempre
outros mais burros que o admiram.

A proposito:

Uma do Montaury, domingo, no Frontão Lavradio, depois
de uma quinela que deu um pulão (*):

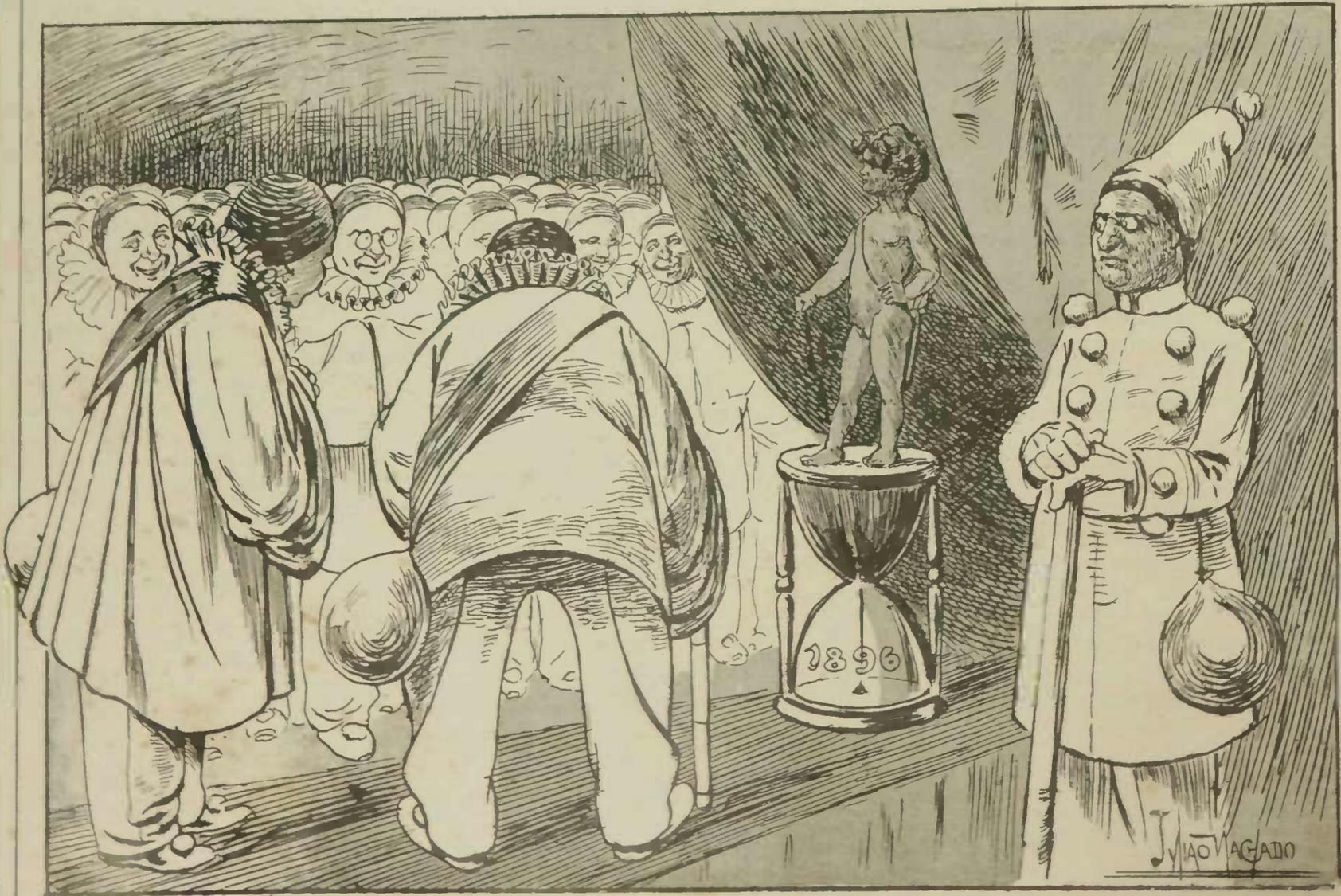
— Tenho notado uma singularidade: todas as vezes que
o rateio é graúdo, ha poucas *poules* vendidas!

João Piloto.

(*) Pulão, poule grande. Vid. Dicc da Acad.



LE ROY EST MORT!..



- VIVE LE ROY!..

